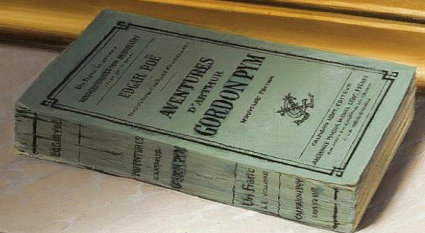


# ESPELHO & ALGUNS CONTOS

MATEUS GIGANTE



**MATEUS MENDES GIGANTE**

**ESPELHO  
E ALGUNS CONTOS**

**2016**

# **ESPELHO E ALGUNS CONTOS**

Mateus Mendes Gigante

Portfólio final construído para a disciplina  
Escrita Criativa do curso de Cinema (UFSC),  
administrada pelo professor Dr. Márcio Markendorf

Capa: "Not To Be Reproduced", 1937, René Magritte.

## ***APRESENTAÇÃO***

Espelho & Alguns Contos, *pois de tudo fica um pouco*, como diz Drummond.

Esse livro é o resultado de uma gratificante experiência, que não incluiu apenas o exercício e a busca de uma escrita mais consciente e criativa, mas também e, para mim, sobretudo, um inevitável descobrimento e conhecimento de mim mesmo.

Agradeço ao professor Márcio Markendorf, pelos ensinamentos, avaliações, discussões e desafios. À Ana Bianchi pelo suporte, conversas e estrelinhas em cada conto. À todas e todos colegas de turma, pela ajuda mútua em todo esse processo.

*assim como ousar  
escrever com imagens,  
escrever com palavras é  
um ato de coragem.*

## **Sumário**

Quatrocentos e Tantos Golpes **5**

Aveso Marginal **7**

E.T., o Extraterrestre **9**

Incompreendidos **11**

Imagens de Resnais, espelho do Tempo **13**

Fio da Meada **14**

Memórias: Infância Fraterna **19**

Lindonéia Sertaneja **21**

Áporo **23**

Roteiro: Reflexo do Futuro **26**

## Quatrocentos e tantos golpes

Ele, sua mãe e sua prima. A última estava na cozinha, ele estava no quarto junto a sua mãe, que se arrumava pra sair. Ela se maquiava ao pé da cama quando ele se sentou e começou a mexer nas maquiagens dela, espalhadas pelo lençol. Brincando com o batom, resolveu ingenuamente passá-lo nos lábios para ver qual era a sensação. Quando sua mãe o viu fazer isso, largou suas sombras e foi bater nele. Começou a gritar por não querer apanhar e não entender tremenda reação por algo que imaginava inofensivo. "*Tô te criando pra ser homem!*", dizia repetidas vezes.

Deu-se por si já no chão e ela rapidamente tirou a cinta de sua calça. Se preparando para dar a primeira cintada, ele colocou a mão na frente e a fivela voltou na canela dela, com tamanha força que a feriu, num corte que sangrava. *Tá vendo o que você fez? Isso aqui é por sua causa! Você me machucou!* Chamou a sobrinha para ajudar a segurá-lo, mas ele conseguiu escapar, passando pela cozinha e indo para o quintal, onde deixou cair um chinelo. Desceu as escadas correndo, parou na metade e, olhando para trás, sua mãe estava com o chinelo na mão pronta pra acertá-lo de longe. Conseguiu desviar. Continuou correndo. Correndo para o portão de casa. Correndo para a rua.

Saiu do portão com um olhar de assustado e, ao mesmo tempo, desolado, sem saber aonde ir. Perdido o outro par, caminhava descalço pela rua, enquanto limpava o rosto borrado de batom vermelho que ainda restava em seus pequenos lábios. Sentou-se na esquina a espera de que sua mãe, enfim, saísse e ele pudesse retornar.

Com a demora de sua saída, ele resolveu ir andando pelo bairro para ver se o tempo passava de forma mais rápida. Vagou pelas ruas até chegar em sua escola, na busca de encontrar alguém que conhecesse, talvez sua professora, uma inspetora, alguém. Ninguém. Caminhando, não conseguia entender o por quê de não poder passar batom, e o que tinha a ver ser menino ou ser menina. Se sentia magoado ainda, não conseguia esquecer o susto, a dor, a partida.

Estava perto da casa de sua tia, irmã de sua mãe, e resolveu passar e bater palmas para ver se alguém estava em casa. Ninguém. Continuou caminhando, imaginando como

seria se ele tivesse nascido menina. Poderia ter cabelos longos, usar saia e brinco, brincar de boneca, igual sua prima da mesma idade. Crescendo, poderia pintar as unhas, colocar vestidos longos e usar aqueles salto altos que fazem barulho. Poderia usar batom.

Chegou em um parquinho que não conhecia. Um balanço colorido chamou sua atenção, estava vago. Ele decidiu se balançar para passar o tempo. Sentou-se, deu alguns passos para trás, fechou os olhos e soltou seus pés do chão. Voava. Seus cabelos cresciam, seguindo o movimento do vento. Seu coração batia mais forte e expandia seu corpo, impulsionando cada vez mais seu balançar. Criaram-se curvas onde não se esperava. Seu rosto se formava com luz e sombras. O medo a tornava mais corajosa, era preciso. A velocidade do balanço crescia cada vez mais. Este pêndulo a projetou para a vida. Era preciso, agora, sobreviver.

Em seu quarto, iluminado apenas por uma fraca luz de um abajur, enquanto ele arrumava a fivela de seu cinto para ir embora, ela estava na beira da cama arrumando seus cabelos, retocando sua maquiagem. O pequeno espelho refletia a lágrima que escorria em seu rosto, desenhando-o, num melancólico consolo, até cair em seu seio. Era a décima segunda vez que ela retocava seu batom naquela noite. Não mais vontade, dever. Ele a entregou o dinheiro e se foi. Uma senhora entrou no quarto, tomou parte do pagamento. *Seca essa lágrima, o próximo vem vindo!*

Seguindo o corredor mal iluminado, ao som de esparsos gemidos, a senhora passa ao lado dele e lhe indica o quarto, em que a porta entreaberta, deixa escapar um curto fio de luz. Ele a vê deitada na cama, com seus grandes lábios vermelhos a espera de apagar-se. Entra. O pequeno facho se dissipa na escuridão.

## **Avesso Marginal**

A vida não tinha sido coisa fácil. Início da década de 80. Moravam filha e mãe em uma pequena mansão na periferia da Grande Cidade. A mãe ainda não tinha nome. Não havia quem lhe desse um. Seus pais ainda estavam pra nascer. A filha ganhou o seu há poucos anos atrás, já adulta, depois que a mãe veio a este mundo. O pai não entra na história porque, até mesmo aqui, ou no inferno, eles fogem. Mas para além disso, ele também ainda não havia nascido.

Seu país acabava de sair de uma crise econômica que assolou, durante as duas décadas anteriores, a vida de todos. Antes era possível viver com qualidade, esbanjar dinheiro em luxuosas viagens para os países de terceiro mundo e fazer caras compras, pechinchando nos leilões dos camelôs mais badalados. Agora, com o fim da crise, tudo se tornava um caos. A filha precisava sustentar sua mãe, e as dificuldades cresciam cada vez mais.

Naquele dia, que amanhecia com uma lua radiante, estávamos ambas em casa. Eu, sentada no chão da sala ao lado da minha poltrona vintage, tentava assistir ao noticiário para ver qual era o melhor lugar, aquele que ninguém havia pensado ainda. Mamãe no quarto, em seu berço, não parava com aquele silêncio cortante, que penetrava em meus ouvidos, reforçando cada vez mais o que eu deveria fazer para resolver aquela situação insuportável. Ela estava morrendo de fome.

Depois de analisar o melhor lugar para a ação, esperou o dia cair para efetivá-la. Deixou a mãe imóvel e esfomeada em seu berço, certificou-se de que o gás estava vazando direitinho, fechou a porta e partiu. Eram apenas algumas coisas necessárias, coisas de preparo rápido e algumas outras mais sólidas para sua mãe, embora ela ainda não tivesse desenvolvido seus dentes. Por conta do azar de principiante, prenderam-na em flagrante, por querer sair do supermercado pagando por cada produto de sua compra. Ela até tentou esconder o comprovante de pagamento, prova do crime, mas mesmo assim foi detida pelos bandidos.



Naquele momento, enquanto eles me conduziam à viatura, eu só conseguia pensar em minha mãe e ouvir o seu silêncio, que rompia a cidade e se sobrepunha a sirene, aos cliques dos fotógrafos, às perguntas da imprensa, ao barulho dos ônibus que passavam em frente ao mercado, e que mais pareciam auditórios móveis, de tanta gente que me viam desfilar, com toda honra e cabeça erguida que essas ocasiões nos exigem. Meu caso teve repercussão nacional, e a máfia federal deu início as investigações.

As ladras do mais alto escalão a condenaram a pagar 52 anos de liberdade num resort em uma ilha afrodisíaca do Caribe, enquanto sua mãe seria tutelada pela vizinha, com uma ajuda de custo social provinda de alguma empresa transnacional de dono popular e progressista. Despediu-se da mãe e da vizinha, e decolou na primeira classe.

Passando-se vários longos anos, a condenada foi transferida para um asilo afrodisíaco e libidinoso na mesma ilha. A mãe cresceu e ganhou uma liminar que permitia visitas a sua filha, com todas as despesas pagas. Em uma delas, a mãe resolveu presenteá-la com duas notícias. A primeira era que, identificado um erro no processo, revisto o caso da filha e sendo ela aclamada como subversiva pelo júri, foi absolvida e transformada em heroína de sua pátria e homenageada com uma estátua no local do antigo supermercado, que havia sido demolido para dar lugar a uma moderna e tecnológica floresta tropical. E a segunda era que a mãe tinha ganhado um nome e, o pai, fugido.

A filha derreteu-se em lágrimas e sorrisos de alegria. Por que o martírio de sua liberdade acabaria, voltaria para sua pátria odiada, e teria a oportunidade de ver sua avó antes de sua morte, que ocorreria dentro de três dias.

Rapidamente embarcaram. Foi recebida no porto com grande ovação por parte dos conterrâneos e da imprensa. Enquanto isso, os preparativos para sua morte andavam a todo vapor e contagiava todo o país. Conheceu sua pequenina avó com toda a felicidade esperada. Tudo transmitido ao vivo. Passaram dois dias comemorando, e no terceiro ela morreu. Foi enterrada no asfalto da principal avenida da Grande Cidade. Entrou para os livros de história, e a data virou feriado nacional.

## **E.T., o Extraterrestre**

6:30 da manhã o despertador tocou e me tirou da cama. Ainda sonolento, fui colocar meu uniforme e escovar os dentes. Mamãe já estava na cozinha preparando nosso café da manhã. Papai, já arrumado, lia o jornal matinal na mesa enquanto comia ovos, panquecas com melado e tomava um café. Eu me servi de cereal e suco de laranja e, enquanto esperava o ônibus escolar, mamãe permitiu que eu assistisse um pouco de televisão. Estava muito ansioso para saber qual filme passaria naquela tarde. E quando começou a chamada durante os comerciais, nosso cachorro Ruffus, grande e desastrado, passou correndo, arrastando tudo o que tinha pela frente, fazendo o fio da televisão se desconectar da tomada. Ela desligou repentinamente e eu não pude ver qual seria o filme. Mamãe, brava com as trapalhadas do Ruffus, que também tinha passado pela cozinha, chegou na sala para ver em que estado as coisas estavam. Conectou o fio novamente, mas infelizmente a televisão não ligava mais. Tinha queimado. Comecei a chorar em meio àquela confusão. Papai, que já ia para o trabalho, disse que não tinha problema, que aquele modelo já estava um pouco antigo, e prometeu que sairia mais cedo e passaria na escola junto com a mamãe para irmos à loja de televisores comprar uma tevê nova. Meu choro instantaneamente parou, voltou minha alegria e passei a amar Ruffus novamente. Ainda daria tempo para eu assistir o filme naquela tarde. O amarelinho buzina à minha espera.

Na escola, enquanto arrumava meus cadernos e livros, contei a Julie tudo o que tinha me acontecido no início do dia. Ela ficou triste por um momento, pois o que mais gostávamos de fazer era comentar os filmes que tínhamos assistido na tarde anterior. Mas logo expliquei que meu pai tinha prometido comprar outra assim que eu saísse da escola naquele dia. Ela retomou a alegria, e fomos conversando sobre *De volta para o futuro*, enquanto seguíamos para a aula de inglês.

Geralmente, durante as tardes, depois de fazer meus exercícios de casa, eu brincava com meu vizinho John, que tinha um jogo da Grow em que a gente tinha que juntar as partes e órgãos do corpo humano, como um quebra-cabeça. Foi assim que comecei a gostar de ciências. E um outro joguinho de guerra da Gulliver, com bonequinhos de índios,

xerifes, cavalos e cowboys. Foi assim que comecei a gostar de aventuras. Além disso, brincávamos de andar de bicicleta também. John e Julie eram meus melhores amigos. Mas naquele dia eu queria mesmo era chegar logo em casa para assistir o filme que passaria na televisão.

Ao fim da aula, eu me despedi de Julie, e entrei no carro. Minutos depois, estávamos parados na ponte, e eu pensava que, mesmo que de muito longe, era possível ver a estátua. O trânsito estava parado, o nosso carro rodeado de táxis amarelos, enfileirados como na minha prateleira de carrinhos. Com o rádio ligado, mamãe e papai não se cansavam de ouvir aquela música de zumbi do Michael Jackson, que era repetida várias vezes juntos a outras músicas de sucesso. Embora eu estivesse com pressa para podermos chegar logo em casa e assistir o filme de hoje, o dia estava bonito. Não consegui ver a estátua como queria, mas o trânsito estava andando.

Naquele mundo encantado de televisores, eu só imaginava qual seria o melhor para assistir aos filmes, meus desenhos prediletos e jogar *Nintendo*. Fui andando de prateleira em prateleira procurando a televisão mais bonita. Mas papai quem decidiu. Compramos uma tevê *Philco* por sei lá quantos dólares, ainda não entendia de dinheiro. Eu estava mesmo era fascinado com nossa nova televisão, e não via a hora de chegarmos em casa. Tivemos ainda que passar no supermercado, pois mamãe precisava dos ingredientes da sua torta de maçã que teríamos como sobremesa aquela noite.

Enfim chegamos em casa. Desci do carro correndo e abracei Ruffus, que nos esperava no jardim, agradecendo suas trapalhadas e seu jeito estabonado de ser. Entramos em casa e papai instalava a nova televisão, depois de mamãe ter limpado toda a bagunça. Olhei no relógio. Eu estava muito ansioso, e enquanto pulava em frente a tevê, Ruffus latia ao meu lado. Mamãe conectou na tomada. Papai ligou. O som veio primeiro e depois veio a imagem. Dei um berro de alegria, e não tinha acreditado que, depois de tudo aquilo, conseguimos chegar a tempo de ver o filme. O *Vale a pena ver de novo* tinha acabado de acabar e a *Sessão da Tarde* iniciava sua abertura.

## Incompreendidos

Frente àquelas imagens em movimento, de vida e tempo impiedosos, revia. Dentro de si, a enorme lembrança da primeira vez. "Era apenas um menino. Seu pequeno apartamento. Seus pais. A prisão escolar. Professor e punições. Balzac, admiração tamanha e refúgio. As fugas. A traição. Outras prisões. Os conflitos. Adolescência ao fim dos anos 50. E aquele desfecho que causava espanto e admiração aos olhos desvezados. Corre para frente, e ela não importa. Olhe para mim. Fim." Foi assim a primeira vez. Vendo novamente estava. Olhar perito, cirúrgico, técnico.

Era apenas um desejo de poder rever com outros olhos. Olhos de outrora. Depois de todo aquele tempo havia perdido a inocência. Sabia agora o porquê daquelas longas tomadas de abertura desnudando a cidade. Aqueles pulos sutis, que logo se transformariam em revolução. Aqueles movimentos. Aquela temática. Agora sabia. Sabia e já não queria saber.

De início, aquele sempre reconhecimento de estado. As sobreposições em fluxo. A narrativa livre e intertextual, que logo toma um corpo reconhecível. Estou em Paris, andando por aquelas ruas. Atravessando aqueles grandes bulevares. Já não é preto e branco. Há cor e luz e movimento. Um hipopótamo tranca o trânsito. Entre passos de descoberta e maravilha, eu estou voltando àquele lugar. Viro uma rua e me vejo trancado na sala de aula em que estudei o terceiro ano do ensino médio. Estou ao lado de Antoine Doinel. Nossa professora de português escreve na lousa sem parar. Escreve um poema de Carlos Drummond. Temos que copiar. Queremos recitar poesia no pátio. Ela nos proíbe. Olho para o fundo da sala e nossos amigos transam em duas camas de casal encostadas na parede. Ao lado, outros jogam cartas. Saímos correndo. Pulamos os muros e caímos no apartamento de Antoine. Na cozinha, seu pai frita ovos para a janta e vem nos ameaçar. Batemos a porta bem forte, e descemos as escadas rapidamente. Roubamos um padre, e bato na cara dele com uma corda. Eu me sinto feliz. O vento se esquenta em nossos rostos. Entramos em um manicômio de bebês protegidos por vidros grossos. Andando pelo corredor lúgubre, eu vejo a mãe de Antoine beijando um homem. Uma mulher os vigia do outro lado do vidro, e

anota alguma coisa. Antoine não está mais do meu lado. E eu quero recitar poesia. Passo ao lado deles e saio. Atravesso a Pont Neuf, e Antoine reaparece com a minha mãe, que me abraça e diz que Paris é linda. Ele me arrasta para o Louvre. Lá dentro, tiro uma seringa cheia de tinta vermelha do bolso. Espirro na Guernica, e acerto a parte da lamparina. Correndo, os cachorros viram o corredor e quase nos pegam. Minhas vistas escurecem um pouco. Olho para o lado direito e Antoine está nadando em direção à Torre Eiffel. Ajudo ele a sair do rio. Ele está assustado. Eu estou assustado. Olhamos para trás, e começamos a subir as escadas da Torre correndo, correndo, correndo.

Interna. Quarto de Fernando. Dia. Os fracos fochos de luz de um sol tímido da manhã entram pela persiana e iluminam o cômodo. Deitado em sua cama, o personagem vai despertando ao poucos, se mexendo suavemente, até acordar por inteiro. Abre seus olhos. Está de volta.

- Corta! Diz o diretor.

## Imagens de Resnais, espelho do Tempo

Parem tudo,  
Une fleur est née.  
Às 5 horas da tarde, à Hiroshima.  
Uma flor nasceu.

Eu te sinto, eu te toco, mon amour.  
Notre corps se amam.  
Nossos corpos explodem.  
Ficam duros, nossos corpos.  
Nossos corpos perante l'Humanité.  
L'Humanité perante uma flor.

Elle n'a pas parfum.  
Elle n'a pas couleur.  
Elle n'a pas elle-même.  
Elle n'a rien.

Pétalas de uma carne radiante, apenas.

Mais moi, eu a vi.  
Eu a tive em minhas mãos e a senti em meu corpo.  
4 fois?  
Non, seulement 1 fois!  
Une fleur.  
Rosa do povo, Hiroshima.  
Rosa do povo, mon amour.

## Fio da meada

- Então, fora isso, ele me pediu que a protagonista fosse uma mulher também. - disse Luiza.

- Bah, que interessante esses parâmetros. E é sempre assim quando um diretor encomenda algum roteiro pra você, ou tem diretores que só pedem uma temática e tu trabalha em cima dela? - perguntou Miguel.

- Olha, tem muito das duas coisas na real. E além das encomendas, eu também produzo por mim mesmo, e depois vou tentando vender as histórias pras produtoras, diretoras, diretores, etc.. E como meu último roteiro teve aquelas críticas e uma boa repercussão, o Fernando me procurou e a gente fechou essa encomenda. - respondeu Luiza.

- Caramba! O novo filme dele ainda está em cartaz e ele já encomendou outra história? Que trampo frenético meu... Bom, mas também o cara deve ganhar dinheiro pra caralho, né?

- É, isso é! O cara é podre de rico. E tudo funciona tipo uma empresa sabe, e como alguns dizem por aí, o cinema é uma indústria e o filme é que é uma obra de arte... Mas bom querido, o papo tá massa, só que eu vou indo lá, preciso parar e pensar nas possíveis histórias. Já quero ter algum esboço até semana que vem!

- Bah, tudo bem, querida. Boa sorte e bom trampo pra ti. E quando tu estiver mais de boa, dá um toque pra gente beber umas com a galera.

- Ok! Pode deixar. Disse Luiza, sorrindo. Despediu-se de Miguel, levantou-se da mesa, jogou o copo de café no lixinho e saiu da lanchonete em direção ao seu carro.

Depois de um banho quente, Luiza foi para seu recanto de criação. O segundo quarto de seu apartamento foi transformado numa sala de trabalho, com sua mesa, seu computador, prateleiras com várias e várias coleções de filmes, livros, discos, enfeites e lembranças, e também pôsteres de filmes emoldurados nas paredes.

Pronta para o trabalho, começou a revirar as páginas de seus vários caderninhos de anotações, nos quais anotava coisas e acontecimentos do seu dia a dia que poderiam vir a serem potenciais elementos narrativos. Iniciou os primeiros esboços.

Roberta era uma mulher por volta dos seus 30 anos, profissional bem sucedida, reconhecida pela qualidade de seus trabalhos e, sem dúvidas, dona de uma coragem e perspicácia enormes. Após uma maldita parceria de serviço, Roberta acaba sendo enganada pelo seu companheiro que, com um golpe, consegue usurpar seus direitos. Agora, ela planeja cuidadosamente o seu plano de vingança contra ele tendo, consigo, a paciência como auxiliar.

Satisfeita com um de seus esboços, Luiza conseguiu preparar o resumo principal de sua narrativa. Traçado o fio condutor, o trabalho agora se iniciaria, no desenvolvimento da história, com a construção e aprofundamento das personagens, trama dos conflitos, madrugadas a dentro, ambientação e descrições dos espaços, plot twists, pesquisas, construção dos diálogos e muitos, muitos cafés.

Sua casa era dignamente confortável. Em seu quarto, deitada na cama, Roberta fumava olhando a escuridão da noite que invadia a janela, e pensava em como tramaria seu plano. Via a fumaça que soltava a cada tragada, e imaginava que a ação final deveria ser daquela maneira, dissolver-se rapidamente no ar, sem deixar pistas, em silêncio. Resolveu, então, esquematizar seus atos e iniciar seu projeto.

Com o gatilho da história já pensado, Luiza buscava aperfeiçoar o tratamento dado às personagens da trama, dando-lhes mais densidade. Entretanto ela estava ciente de que não era indicado um grande aprofundamento, pois a história não se tratava de um drama pesado, psicológico, mas antes, de uma narrativa mais comum, pois como costumava dizer Fernando, as histórias podem possuir sempre a mesma estrutura, mas a maneira como cada diretor as executam, as tornam singulares.

Roberta passou a assistir inúmeros filmes com a temática de vingança, embora soubesse como as coisas funcionavam neles, que não passavam de mentiras travestidas de realidade, mas que, ao menos, serviam de mais referências para pensar em alguns pontos nos quais ela poderia deixar passar, pela inexperiência no assunto. Comprou um grande



espelho para seu quarto. Levantou os dados do paradeiro do cara, e os locais que costumava frequentar. Estudou métodos de como se aproximaria dele novamente e, durante algumas noites, sonhava de diferentes maneiras o momento auge de seu plano.

Um breve tempo se passou, e Luiza, com uns 70% do roteiro construído, começou a ligar para amigos do mesmo ramo profissional para trocarem críticas e análises dos trabalhos uns dos outros. Um dicas aqui e outras ali, Luiza tratou alguns pontos, e deu continuidade à história.

Roberta vendeu seu espelho, que agora dava lugar para uma pequena estante onde ela escondia, no fundo falso da penúltima e quinta gaveta, a arma contrabandeada que comprou clandestinamente com pessoas entendidas do assunto. Em cima da estante ficava a televisão na qual, todas as quintas a noite, ela assistia Linha Direta, deitada na cama, enquanto saboreava o seu cigarro de sempre. Já não lhe faltava nada. Então, tendo todos os elementos prontamente organizados, esperava agora o momento ideal para a execução. Dia 22 estava próximo, não tardaria a chegar.

Faltava somente estruturar os destinos finais das personagens após o clímax da história, coisa que se resolveu em mais algumas poucas madrugadas intervaladas por alguns breves dias, e muitos cafés. Com o roteiro finalizado, o quarto de Luiza estava cheio de postits coloridos grudados na parede, como um grande painel. Ali era possível visualizar todo o seu cuidadoso e árduo processo de criação, desenvolvimento e estruturação da narrativa. Ligou para Fernando, marcando um encontro para a análise do último tratamento do trabalho.

Ele abriu a porta. Roberta entrou, e o acompanhou atravessando a extensão do seu escritório, em direção à mesa de negócios. Ele puxou uma cadeira, mas ela disse que era coisa rápida e que estava melhor confortável daquela maneira. Ele se sentou do outro lado, afrouxou sua gravata, e se espalhou pelo assento.

- Indo diretamente ao ponto. - disse Roberta, retirando de sua bolsa seu caderno de anotações onde começou a expor, uma a uma, todas as vezes as quais ele a havia silenciado,

e os acontecimentos nos quais ele a humilhou e a rebaixou e, principalmente, o golpe que ele tramou e desferiu contra ela através da troca dos papéis do contrato em que constava o lucro dela com a participação nos ganhos do direito de seriação e utilização do último produto no qual trabalharam juntos.

- Olha só ela... Disse ele num tom de deboche. - Você é muito gananciosa para uma mulher. E isso pode ser muito perigoso! Já que a tua questão é grana, por que não resolvemos isso logo? Você sabe que não existem provas contra mim. Se você for pra mídia, o seu crédito não vai passar desses sites de fofocas sobre a vida das celebridades. Quem vai sair como louca no fim das contas é você, querida. Pense bem... pense bem!

- Pensar bem? - perguntou Roberta, com um sorriso irônico - Pensar bem é o que mais tenho feito durante todo esse tempo, e é por isso que eu estou aqui. Estou aqui justamente porque não quero saber da tua grana podre. Estou aqui porque não existem provas contra ti. Tu é a própria prova.

Roberta continuou.

- E vem cá, é só isso que tu sabe me dizer pra tentar me fazer mudar de ideia? Só é capaz de pensar isso? Assistiu muito filme clássico e esqueceu que eles não andam no tempo, seu escroto?

Ele começou a se assustar pela tamanha firmeza com que Roberta dizia aquelas palavras. Percebia ali que não seria fácil encantá-la e suborná-la, pois ela não estava para brincadeiras. Estava diferente, de uma maneira que ele nunca a viu. Com os olhos possuídos de ira, resolveu se levantar para assim tentar intimidá-la frontalmente.

- Nem se dê o trabalho de se levantar. Me desculpe, mas tu não serve pra esse novo mundo. - disse Roberta.

Sacando sua arma detrás da cintura, aponta para ele, e a engatilha.

Os pássaros atravessam o céu noturno alavancados por aquele som pungentemente abafado. Luiza estaciona seu carro em frente ao prédio de encontro para a entrega do roteiro. Provavelmente conversariam por umas 3 ou 4 horas, relendo alguns trechos, repassando os pontos chave da narrativa e analisando o trabalho final, para assim, fecharem o contrato de compra e venda. Estava feliz, porque confiava que tinha uma boa história nas mãos e que tudo então daria certo.

Luiza atravessa o corredor do térreo, enfeitado com todas aquelas referências nas paredes, e aperta o botão do elevador. Em sua bolsa, carrega o cópias do roteiro, seu netbook, documentos, e seu caderninho de anotações. As portas se abrem, Luiza solta um sorriso surpreso e entra. Roberta a cumprimenta com um boa noite, e sai, passando em frente aqueles vários pôsteres de filmes nos quais havia estrelado.

## Memórias: Infância Fraternal

As estrelas. Elas tão lindas sob a luz da lua, marcando todo um universo que não se sabe até aonde vai. O céu todo iluminado. A noite clara, ainda que pouco luzidia em seus postes, a rua leva consigo aquele tom azulado suavemente em toda sua extensão e superfície. No asfalto, nas calçadas, nos portões, nos telhados. Tudo é calmo, e as nuvens brancas se rastejam levemente na vastidão do destino. As estrelas.

As velinhas. Todos a postos ao redor da mesa. Pequenas crianças espiam o bolo decorado, enquanto enchem os bolsos de balas de coco, comem brigadeiros e beijinhos. Os sorrisos das mães, suas filhas e filhos correndo de um lado para o outro da casa, brincando. A música infantil tocando ao fundo. A espera ansiosa para se estourar a grande bexiga repleta de doces pendurada no meio da sala. As velinhas.

O bar. Furró tocando alto. Churrasco no espeto ao lado de fora, e fumaça neblinando o céu. Ônibus e carros na avenida, enquanto homens jogam bilhar e bebem. Na televisão, o fim da novela das 9. Roberto vira dois, cinco, sete copos. Embriaguez. Costumes e conversas rotineiras, fichas e mais fichas. O bar.

Maria, ainda que com toda aquela feliz distração, preocupa o rumo dele. Ainda que acostumada, preocupa sua volta para casa. Se será possível uma noite tranquila, ou se ele trará consigo o inferno. Atravessando a sala, no meio de toda aquela criançada agitada, sai para o quintal e, ao lado da porta, para para contemplar o céu. Joel a percebe e se aproxima dela. *Olha pro céu meu amor, vê como ele tá lindo. Sim mãe, ele tá lindo!* O pequeno pede permissão a mãe, que sob suas vistas, lhe permite que fique na calçada, sossegado, contemplando o céu.

Roberto deixa o bar, cambaleando. Bêbado. Revoltado, xingando a todos. Maria e filho. Seu ódio de sempre vindo de não se sabe aonde.

Resolvem que é hora de estourar a bexiga, antes de cantar o parabéns. Ela chama Joel, que diz não querer entrar, pois está lindo o céu, calmo, está linda a noite. Contempla.

Estouro. Roberto vira a esquina. Crianças se atiram ao chão. Maria observa a festa. Joel olha pro céu. A lua ilumina. Roberto vê seu filho. As pequenas riem de felicidade. A mãe se volta para Joel. As nuvens passam. Ele contempla as nuvens calmas. Roberto chega perto. Maria vê o pai. Ele xinga o filho. A mãe corre em direção. Joel percebe, fita os olhos irados do pai. Roberto o agarra pelo pescoço. Maria grita.

## **Lindonéia sertaneja**

Saiu fugida. Levou consigo apenas seu filho caçula. Era fuga ou fim, e não havia mas. Os outros tantos filhos ficaram, sob a guarda dos avós, na cidade onde a moléstia acontecia. Pau de arara ao norte. E o grande sol a toda essa estrada banhava, desde os primórdios até hoje.

Transfigurou-se, Marta, pois bem sabia que não poderiam saber. Era árido o chão em que se pisava, assim como a vida que se seguia. O sangue dele rachou o solo, e os destinos foram crescendo como troncos secos e retorcidos. Somente as lágrimas os irrigavam. O mar estava longe. Estavam longe todos eles.

Abraão. Apenas o mais velho, jornalista numa pequena cidade do estado vizinho, soubera do ramo de sua mãe no espaço. São Rafael. Duras sombras também haviam ali. Cidadezinha pequena. Pequena igreja, pequena praça, pequeno bar, casas pequenas, conversas pequenas, assuntos pequenos. Chuva, quando chuva, pequena. Visão miúda. Chão. Coronel. Sol. E a vida, tal qual Marta bem escolhera aos prantos.

A beira do pequeno rio, suas mãos e braços batiam, por horas a fio, dia a dia, tarde a tarde, sob luz e vento, as peças de desejo alvo. Eles, ao lado de tantas outras mãos, braços e seios, dançavam em ritmo o baião da solidão, trabalho e resistência. Sustento. E assim Marta seguia.

Crescendo, o caçula já podia. O facão cravava forte. Uma a uma, uma a uma. Por terras, terras, terras e terras. Protegia com trapos o seu corpo no sol. O punho erguia-se contra o céu e nutria-se de peso. Mais uma. Mais açúcar. Mais álcool. Mais combustível. Mais ração. Sustento.

Ela sabia um pouco. O pouco partilhava com os pequenos. Alfabeto e números. Ler e escrever. Contar, histórias. Um pequeno cômodo de sua casa. O sol e o vento lá fora. Pequenos banquinhos, pequenina lousa, lápis e folhas de caderno. Aos poucos cresciam, os pequenos. Amavam-na, por todos os tantos anos. Agora liam no sol e dele escreviam.

Sua tez era marcada. Os códigos, indecifráveis. Mas os tempos e as interrogações dos chegados arrancaram pequenas reminiscências de Marta. João Pedro havia sido assassinado. Não se dizia motivos. Veio da Paraíba. Onde o sol também é sol. Tinha mais

tantos filhos. E o desejo de sabê-los. Que foi atriz escondeu. Que foi guerreira, também. Era o tempo que precisava ser mais tempo.

Repetia, repetia, repetia e repetia. Seu trabalho todos os dias repetia. Entre fogo e lágrimas. Entre corpo e espaço. Saudade e necessidade. Travesseiro e vento. Assim sobrevivia Marta. Na vida, nas noites, nos dias, nas manhãs, nas tardes, nas horas. Nas mãos, nos braços, nos seios, na face, na boca, na tez, nos olhos, no coração, na mente, lembranças. Sol e esperança.

Uma kombi chega na cidade. Grande alvoroço entre os pequenos na rua, senhoras nas janelas, senhores na praça. Saem dela homens armados. Câmeras, gravadores, microfones, fotos e filmes do filme interrompido. Ele indica a casa. As crianças correm. Se apressam a avisar Dona Marta. Ficam, para espiar.

- Dona Marta? - diz um deles.

- Sim, sou eu. - ela responde.

- Prazer novamente, Eduardo Coutinho.

## Áporo

Batia forte o coração. Angústia rompia a fé. Não. E já não era possível, e não sabia o porquê. Correu para seu quarto porta adentro. Janela fechada, vela acesa. Cabeceira sua Bíblia e terço. *Onde estás o Senhor?* Em desespero. *Não consigo Te sentir.* Se ajoelha aos pés da cama. *Restaura em mim Tua presença.* Se curva em oração. *O que sou eu sem Ti?* Aflição e lágrima. *Tu és meu destino.* Vazio. Sustenta Bíblia e terço em mãos. *Onde está Tua presença? Onde está Tua presença?* Ausência. Inanimado tempo vão.

Prostração.

Sono.

Solidão.

Adormecimento.

A pequena criança tomou frente em meus passos. Seu rosto não me foi visto. Caminhava e abria caminhos. Eu a seguia. Andava e andava e andava. Parou. Colocou-se frente a frente ao meu corpo. Olhou-me profundamente coração, olhos, tez. *Aonde vai valente?* E desaparece num piscar. Apenas a memória, dois sulcos, gravada na areia. E logo vento apaga. Sou, agora. Ali sozinho, ali único. Desolação nem triste ou feliz. Seca.

O céu é granulado e me banha com uma luz confortável. Não há frio ou calor. Um mormaço fugaz desenha em formas vivas o fim, que não o é. Uma areia que quero vermelha, quando laranja. Amarela, quando vermelha. Laranja, quando amarela. Branca. E nunca meu desejo, conformidade somente. Sigo. A terra é vastidão e o céu, impossível. Minhas roupas me contêm. Esqueço. E sigo. Comigo meu corpo, e o sentimento de mim. Sigo.

Lanço olhos ao redor. O mar é apenas um som longuíquo, que não se sabe onde. Numerosos passos a minha esquerda, estou frente a uma pilha de livros. Muitos e muitos e muitos. Capas das mais diversas, todas únicas. Bem acabadas, sem títulos, limpas. Seguro aquele que salta em minhas mãos. Não é espesso nem delgado. Meu, somente. Os outros, esperam. Se dissipam. Eu, irresoluta saga sigo. E.

Caminhando e andando e correndo e parando, outra vez a criança diante de mim. Suavemente ela me aponta um caminho. Hesito. Penso. Cedo. Sigo. Olho para trás, e ela já



não é. Para frente, longe ao longe, pé a pé, me é chegada a presença de indecifráveis palmeiras. Paro. Sombras rastejam pelo solo. Eu, livro, palmeiras, sombras. Absorto, em claro enigma, é tempo que vai se passando.

Prenunciam galhos ao vento o que vem pelo espaço. É tempestade sem chuva. É tornado vergando palmeiras e me rancando vestes e livro. Sou nu e minha humanidade. É vento que me cerca e me leva à confluência de sua tormenta. Medo e deslumbre e pés ao chão sentem a terra. É corpo a corpo a corpo a corpo. É confronto. É matéria. E no implacável centro, a criança diante de mim. Ao meu olhar confuso e desespero por ajuda, me passa às mãos uma caneta. Não compreendo, mas a seguro. Firme. E a calmos passos em retrocesso vai a criança em falta falta falta e falta, e com ela o vento se dissipando. Não mais são. Sou. Respiro profundamente. E sigo.

No pensar-me sozinho nesta terra, detenho a caminhada. Um pequeno ponto, que logo percebo homem e seu livro, corre, sem olhar para trás. Sua presença, distante, reflete a minha em totalidade. Corta o horizonte céu e terra. E some, no espaço transformado. Seu rastro, também desolador e vazio.

Sigo. Nu, corpo. Mão, caneta. Brisa transpassa e refresca. Arrepio. Raio de sol acaricia, me sinto. Energia. Sou potência. Vazio com tudo em mim. Sou presença. E me basto. A mim, eu mesmo. Dunas dunas dunas e dunas. E o mundo a todos nós, na persistência da memória. E só. E sigo sigo sigo e sigo.

"A sensação de existir não é ainda um eu"

Me abaixo. Joelhos ao chão marcam a areia. A mão da pequena criança repousa em meu ombro, no mesmo suave movimento da lágrima que umidece meu rosto, e se esvai no vento. O mundo sobre mim se dissipa, último folego, deixo de ouvir sua respiração. Efêmero instante, delongado pela imensidão do firmamento refletida em mim. Sou. Termo entre o tudo e o nada. Tudo e nada aquele deserto e tempo. Sou. E só. E isto.

O alto ruído rompeu o silêncio. Olho para a terra. O livro está ao meu lado, aberto, na exuberância de suas páginas em branco. Tomo-o pelas mãos.

Acordava com a claridão do dia invadindo seu quarto. O som violento da cidade dizia *estou*. Encontrava-se da mesma maneira na qual partiu, ajoelhado aos pés de sua cama, com seus braços estirados pelo colchão e seu livro, apoiando sua cabeça. Abrindo lentamente os olhos, ainda preso na palma do entresonho, foi tomando aos poucos, doses de realidade. Sentiu o chão frio, companheiro direto de seu corpo noite inteira. Arrepiou-se, da cabeça aos pés. A tona, a consciência de toda a extensão de sua carne e matéria. Nada pensava naquele momento, apenas existia. Era, apenas. E só. E basta. E o mundo a sua volta toca seu ombro, aos poucos se debruça, e suavemente se molda sobre sua escápula. As páginas em branco, latentes em existência, esperam os rumos da liberdade.

Tomando o seu livro e sua caneta, se levanta.

**Nota do autor:** Esclareço que ambos os personagens são negros, caso você os tenha tomado por brancos automaticamente.

## **ROTEIRO**

### **REFLEXO DO FUTURO**

#### **CENA 1 - CASA DE EDUARDO/SALA - INTERNA/NOITE - ANO 2059**

Sala de uma casa grande, confortável e aconchegante. Tem um sofá extenso, uma mesa de centro e uma grande estante com muitos HD's velhos.

Eduardo (30), limpo, normalmente vestido e portando seus óculos 4D, entra na sala e senta no sofá. Mexe seus braços, comandando algumas ações no mundo virtual, e sorri. Passa-se um tempo, dorme ali mesmo, sentado.

#### **CENA 2 - PRÉDIO ABANDONADO/CÔMODO - INTERNA/DIA - ANO 2061**

O cômodo do prédio abandonado é extremamente sujo, lúgubre, insalubre e mal iluminado. Possui janelas quebradas e pixações em todas as paredes. Está cheio de gente que se droga, dorme e alucina.

Eduardo (32) se encontra sujo, jogado no canto, no chão. Mal acorda e olha para seus braços e para o chão, vê o cachimbo e as embalagens das drogas que comprou, e sente mais abstinência. Rapidamente se levanta em busca de mais heroína, crack e lsd.

#### **CENA 3 - RUA - EXTERNA/DIA - ANO 2061**

A rua está suja, com vários lixos espalhados. A intensidade da luz natural do sol não está muito alta.

Eduardo anda rapidamente, ainda que com pouca resistência e grande incomodo pela luz do sol. Na rua há muitas pessoas que também andam rápido e, por alguns cantos escuros, jogadas. Ouve a mensagem do Governo dizendo que está "fazendo de tudo para reestabelecer o controle, a ordem e o processo novamente à sociedade, que as resoluções estão se dando de forma arcaica e demorada, mas que tudo se solucionará." Eduardo

continua andando. E, numa tentativa maior de minimizar a luz que recebe em seus olhos, diminui sua visão e acaba esbarrando em outra pessoa, que se encontra no mesmo estado que o seu. Ambos param e se olham com muito esforço. Ficam assustados e impressionados de terem se tocado. Em pouco tempo captando a sensação, Eduardo tenta tocá-la novamente, mas ela sai rapidamente antes que isso aconteça. Ele repara novamente em seus braços, e continua seu rumo.

#### **CENA 4 - CASA DE EDUARDO/QUARTO - INTERNA/NOITE - ANO 2057**

Quarto está pouco iluminado e possui poucos móveis, mas sofisticados.

Eduardo (28) está na cama, nu, usando seus óculos, e se comunica com Sofia, sua namorada.

EDUARDO

Uma das melhores transas que já tivemos. Muito obrigado!

Eduardo sorri, levemente satisfeito.

#### **CENA 5 - CASA DE SOFIA/QUARTO - INTERNA/NOITE - ANO 2057**

Quarto pouco iluminado, com alguns móveis.

Sofia (29) está deitada na cama, nua, usando seus óculos.

SOFIA

Com certeza, uma das melhores. Obrigado!

Sofia sorri e se aconchega entre os travesseiros.

#### **CENA 6 - RUA/FRENTE AO PONTO DE DROGAS - EXTERNA/DIA - ANO 2061**

Fachada do prédio se mostra aparentemente abandonada, com algumas pixações e vidros quebrados.

Do lado de fora, Eduardo checa o que ele pode dar em troca, como pagamento. Um dos últimos bens, tira sua fina corrente de ouro do pescoço, e entra do local.

## **CENA 7 - PONTO DE DROGAS - INTERNA/DIA - ANO 2061**

Eduardo sobe as escadas, passando por algumas pessoas, e entra na última sala do corredor.

TRAFICANTE

A última impressora que tava funcionando quebrou.  
O governo informou que o conserto vai demorar.  
A gente não tem nada e não sabe quando vai ter.

Eduardo sai do prédio.

## **CENA 8 - RUA - EXTERNA/DIA - ANO 2061**

Andando, Eduardo vê, com dificuldades, no telão de propaganda do Estado, a imagem do governador dizendo o recado, se reproduzindo em looping, dizendo que "o Governo está fazendo de tudo para reestabelecer o controle, a ordem e o processo novamente à sociedade, que as resoluções estão se dando de forma arcaica e demorada, mas que tudo se solucionará." Eduardo continua andando.

Decide tentar comprar drogas de alguém, dando algo a mais como pagamento. Pensa em seu óculos, colocando a mão em seu bolso, mas desiste. Entra no prédio abandonado mais próximo.

## **CENA 9 - PRÉDIO ABANDONADO/CÔMODO - INTERNA/DIA - ANO 2061**

O prédio se encontra sujo, insalubre, mal iluminado e com muitas pessoas.

Eduardo, mesmo receoso em abordar alguém pessoalmente, reconhece uma mulher que está prestes a se injetar heroína, e decide falar com ela.

EDUARDO

Ei, espera, você é a Letícia Abreu, não é?

LETÍCIA

Eu nem sei mais quem eu sou. Acho que não sou ninguém!

Eduardo pega no braço dela, olha sua grande quantidade de drogas, tira do bolso sua corrente e lhe entrega. Ela aceita.

#### **CENA 10 - CAMPO ABERTO - EXTERNA/DIA - ANO 2056**

Grande campo aberto, em um dia calmo e ensolarado.

Eduardo (27), com seus óculos, ouve música e dança individualmente, ao lado de várias pessoas que também ouvem música e dançam individualmente, cada qual com seus óculos.

#### **CENA 11 - PRÉDIO ABANDONADO/CÔMODO - INTERNA/DIA - ANO 2061**

Voltando de sua alucinação, por conta do uso de drogas, Eduardo se depara com Letícia morta ao seu lado, possível overdose. Se assusta fortemente, por nunca ter lidado com a morte tão de perto. Assustado, sai do prédio com pressa.

#### **CENA 12 - AVENIDA - EXTERNA/FIM DO DIA - ANO 2061**

A avenida é larga, com muitos prédios abandonados por sua extensão, com apenas alguns carros deixados para trás. A mensagem do Estado, pela voz do governante, se repete sem parar, para todos ouvirem.

Eduardo começa a perambular pela avenida. Passa ao lado de pessoas que ele reconhece com certa dificuldade, por elas parecem diferentes do que se mostravam.

#### **CENA 13 - DENTRO DO CARRO - EXTERNA/DIA - ANO 2059**

Eduardo, com seus óculos, escuta música enquanto dirige seu carro. O GPS aconselha que ele "vire a próxima esquerda, a 200 metros".

#### **CENA 14 - CASA/SALA - INTERNA/DIA - ANO 2034**

Uma mão feminina adulta solta uma das mãos de Eduardo (5), e o entrega seu primeiro óculos na outra mão.

### **CENA 15 - AVENIDA - EXTERNA/INÍCIO DA NOITE - ANO 2061**

Começa a escurecer na cidade, e a mensagem do Estado continua, se repetindo sem parar.

Eduardo continua, lentamente, a vagar pela grande avenida.

### **CENA 16 - TIME LAPSE - VÁRIOS ANOS**

Time lapse de vários momentos da vida de Eduardo fazendo coisas mediadas por seu óculos. Ao som da mensagem do Estado.

### **CENA 17 - AVENIDA - EXTERNA/NOITE - ANO 2061**

Eduardo continua a andar pela avenida, como que sem rumo, perdido em seus pensamentos.

### **CENA 18 - CAMPO ABERTO - EXTERNA/DIA - ANO 2060**

Grande campo aberto, em um dia calmo e ensolarado.

Eduardo, com seus óculos, ouve música e dança, com várias pessoas que, individualmente, fazem o mesmo, cada uma a sua maneira e estilo. De repente, um som viceral de curto circuito interrompe a todos, fazendo-os arrancar seus óculos e jogá-los para longe. Passam a ficar perturbados pela intensidade, ainda que branda, da luz solar. Findado o som do vírus, imediatamente se inicia o som da mensagem do governante representando o Estado.

### **CENA 19 - AVENIDA - EXTERNA/NOITE - ANO 2061**

Eduardo dá mais alguns passos. Para. Olha ao seu redor. Fecha os olhos. O som da mensagem para. Eduardo começa a dançar, livremente, como nunca antes em sua vida.

**FIM**

